

Torcidas organizadas de futebol: modos de sociabilidade e rituais na cidade de Vitória/ES/Brasil

Júlia Bigossi Aragão

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória- Brasil

jubigossi@hotmail.com

Ivan Marcelo Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória- Brasil

ivanmgomes@hotmail.com

Felipe Quintão de Almeida

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória- Brasil

fqalmeida@hotmail.com

Resumo: A realização de estudos com torcidas organizadas de futebol, embora seja uma tendência crescente no Brasil, ainda necessita avançar na região da Grande Vitória no Estado do Espírito Santo. Nessa região é possível identificar algumas torcidas organizadas, contudo, quase nada conhecemos a respeito dessas organizadas. Nessa pesquisa, temos como objetivo principal analisar os usos do corpo em uma torcida organizada de um clube de futebol da cidade. Privilegiamos a torcida organizada “Comando Alvi-Negro” do Rio Branco Futebol Clube, um dos mais antigos do Estado (fundado em 1913) e com maior número de torcedores na região investigada. As observações foram realizadas por meio da participação na própria torcida organizada sendo registrada a partir do uso de um diário de campo, de imagens feitas com máquina digital e através de entrevistas com membros da torcida. A torcida possui instrumentos e músicas, sendo que a maioria das canções são paródias de cantos de outras torcidas ou de bandas conhecidas nacionalmente. Cada canção é acompanhada por uma sequência de movimentos sincronizados e pré-estabelecidos. As maiores torcidas do Brasil servem de modelo para a “Comando Alvi-Negro” com as suas formas de organização dentro e fora das arquibancadas. Dentro dos resultados, ressaltamos se tratar de uma torcida que, apesar das influências sofridas nas canções e gestualidades, são fieis ao clube e vivenciam uma forma de sociabilidade juvenil na cidade de Vitória.

Palavras-chave: Corpo. Torcidas Organizadas. Futebol.

A realização de estudos com torcidas organizadas de futebol, apresenta uma tendência crescente na realidade brasileira (Silva; Campos, 2011; Silva Et Al., 2010; Luccas, 1998; Reis, 2010), mas, ainda necessita avançar na região da Grande Vitória. Nos municípios dessa região é possível identificar algumas torcidas organizadas, contudo, quase nada conhecemos a respeito dessas organizadas, a não ser o que temos disponível nas páginas de internet e por aquilo que assistimos nos dias de jogos. A especificidade deste subprojeto está em pesquisar os principais aspectos que constituem o modo de vida dos torcedores organizados na cidade de Vitória, onde privilegiamos uma torcida organizada do Rio Branco Futebol Clube, um dos mais antigos do Estado (fundado em 1913) e com maior número de torcedores na região investigada.

Nos anos 2000 em todo o Brasil, as torcidas já se constituíam como verdadeiras organizações, com liderança, facções rivais dentro da própria torcida, instrumento de filiação e estatutos (Azevedo, 2008:21). Seguindo esse modelo organizacional de torcida presente em outros Estados foi fundada, em 2007, a “Comando Alvi-Negro” (CAN), uma das únicas torcidas organizadas do Rio Branco presente nas arquibancadas atualmente. A “Comando Alvi-negro” é constituída por um público jovem e com um modelo organizacional semelhante a outras torcidas nacionalmente conhecidas que promovem um padrão de sociabilidade específico, expresso nos comportamentos corporais e nos artefatos utilizados.

No dia 15 de setembro de 2012 começamos a frequentar os estádios para o acompanhamento das torcidas do Rio Branco. Nossas primeiras observações foram realizadas com cautela e distância da torcida, pois ainda não sabíamos como seríamos recebidos. Foi somente depois de um jogo observando e a indicação de um amigo pertencente a torcida é que conseguimos chegar a um dos diretores da torcida para conversar e pedir autorização para realizar a pesquisa. A partir da autorização, as observações passaram a ser realizadas por meio da participação na própria torcida organizada, as quais ocorreram dentro dos estádios e nas caravanas para os jogos fora da cidade, contabilizando ao todo sete jogos.

Nosso trabalho de campo foi realizado entre setembro de 2012 e fevereiro de 2013. O registro feito no estádio começou a ser realizado a partir do uso de um diário de campo. Nesses momentos também foram realizados registros de imagens com máquina digital. Após o término dos campeonatos realizamos entrevistas semi-estruturadas, nas quais, os entrevistados tiveram a possibilidade de abordar sobre suas experiências, a partir do direcionamento proposto pelos pesquisadores. Estas entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas posteriormente. Para elas foram selecionados sete torcedores organizados sendo: quatro membros da diretoria, dois membros antigos da torcida sem cargo e um membro novo da torcida sem cargo. Essa entrevista buscou um aprofundamento sobre as questões observadas no nosso campo de pesquisa.

A torcida “Comando Alvi-Negro” foi fundada em 2007 “A ideia surgiu porque queríamos formar uma torcida jovem, trazer um público diferente do que já vinha frequentando os jogos, a torcida do Rio Branco era vista como uma torcida mais velha. Nós viemos para renovar, para mudar isso” (Torcedor 6). A “CAN” começou com 15 membros e aos poucos foi crescendo, atualmente a média é de 50 torcedores pertencentes a “Comando” que frequentam os jogos. Ao perguntarmos sobre o cadastro de torcedores na torcida um dos dirigentes informou que: “os cadastros são feitos, porém não temos tanto controle por não haver uma cobrança de mensalidade. Cadastrados temos de 65 à 80 membros” (Torcedor 6), mas esse número varia muito de acordo com a importância dos jogos como foi possível analisar nos jogos em que observamos. Para se filiar a uma torcida organizada geralmente os procedimentos são simples. Para se associar na “CAN” basta preencher uma ficha de identificação com a diretoria, não sendo cobrada nenhum tipo de mensalidade. As camisas são vendidas em todos os jogos como forma de arrecadação de dinheiro e não é necessário ser membro para adquirir uma. É interessante registrar que na “Comando Alvi-Negro” nem todos os torcedores são atuantes e a rotatividade é muito grande, ou seja, além daquele grupo fiel de participantes, existem aqueles que atuam durante um certo tempo e depois desaparecem, ou ainda, os que acompanham todo o campeonato, saem e

depois retornam. Esse comportamento não é exclusividade de uma torcida ou de uma região, pois Teixeira (2006), ao analisar as torcidas jovens do Rio de Janeiro, percebeu que esses comportamentos são frequentes e também são relatados casos de integrantes que só vão aos jogos sem manter um contato mais assíduo com a torcida.

Ao se agruparem, os torcedores deixam de ser singulares e passam a ser vistos como grupo, com os mesmos objetivos esses passam a ser ouvidos pela diretoria ou imprensa. Quando discordam de algo, se fazem notar dentro de campo através de suas canções, gritos e gestos. Algumas diretorias de clubes possuem contato direto com seus torcedores, expondo as dificuldades de estar na frente de um clube e ouvindo as propostas da torcida, nesses aspectos vários autores dialogam sobre a importância que a torcida foi ganhando no futebol, Toledo (1996) argumenta que as torcidas organizadas efetivamente não jogam, mas influenciam, e acreditam controlar e manipular a diretoria, os jogadores, o técnico do time, juízes, até mesmo os resultados das partidas. Menezes (2011) concorda com tal aspecto, afirmando que para o futebol espetáculo, a presença de público é fundamental.

A “Comando Alvi-Negro” acredita nessa força que a torcida possui. No início das minhas observações, eles afirmavam ter contato direto com a diretoria do Rio Branco, sempre dialogado a respeito dos jogos que iriam ocorrer. Além disso, alguns diretores da “CAN” ligam para os jogadores antes dos jogos para dar apoio e como eles dizem, “fazer uma pressão”. Para entender melhor essa torcida, primeiramente, gostaríamos de mostrar a sua forma organizacional. Sua diretoria é dividida e regida por seu estatuto do seguinte modo:

Art. 3º- A Diretoria, órgão de administração da Comando Alvi-Negro, é constituída de: 1) Um Presidente; 2) Um Vice-Presidente; 3) Um Diretor Financeiro; 4) Um Diretor Administrativo; 5) Um Diretor Executivo; 6) Um Diretor de Patrimônio; 7) Um Representante e um vice de cada batalhão.

A esses diretores são definidas funções individuais e coletivas. A organização da torcida é realizada por eles, desde a arrecadação dinheiro para compra de

material (bandeiras, instrumentos, faixas) até os planejamentos das caravanas e a aprovação das músicas que serão cantadas. Toledo (1996) relata que alguns diretores ficam ali na torcida quase que o tempo integral, como muitos que, em entrevistas informais, afirmaram ter perdido várias oportunidades de empregos por causa desse compromisso. Nesse aspecto a “Comando” se diferencia, por não ser cobrado mensalidade, nenhum dos diretores trabalham exclusivamente para a torcida, todos tem seus empregos, sendo assim, se dedicam a suas funções de diretores da “CAN” somente em seu tempo livre.

O Símbolo da “Comando Alvi-Negro” é uma caveira. Simbolicamente, é uma figura que intimida os oponentes. Para eles é uma figura que representa igualdade: “por dentro todos somos iguais, não importa cor, religião ou classe, nossas caveiras são iguais” (Torcedor 6). Também afirmam que é um símbolo do amor deles pelo Rio Branco, visto que esse amor não vai até a morte, vai além dela “mesmo quando eu for só uma caveira, ainda vou amar o Rio Branco” (Torcedor 6). Esse símbolo escolhido pela “CAN” segue o padrão dos símbolos das Torcidas Organizadas. Segundo Luccas (1998), invariavelmente, os símbolos remetem à esfera do sobre-humano ou do super-humano. A partir desse símbolo a “Comando Alvi-Negro” possui várias formas de identificação, sendo uma delas o uniforme, composto por: camisa, casaco e calça. Geralmente, o uniforme é pensado através das cores do clube, do nome da torcida e de seu símbolo. Além do uniforme, a torcida possui faixas, bandeiras e instrumentos.

A “Comando Alvi-negro” possui um instrumento próprio que é levado em todos os jogos: o “surdo”, instrumento de percussão com som grave, usado em escolas de samba para a marcação do tempo da música, frequentemente encontrado nas torcidas organizadas brasileiras. A torcida também possui músicas próprias, mas a maioria das canções são paródias de cantos de outras torcidas, geralmente vinculadas aos grandes clubes nacionais ou internacionais, e também, são feitas paródias de bandas conhecidas nacionalmente. A bateria da “CAN” é composta somente por um surdo que fica posicionado no meio da torcida. Quem toca esse instrumento é o responsável

por puxar as músicas e incitar a torcida a fazer o que a música ou o momento do jogo pede, como por exemplo: quando o Rio Branco se aproxima do gol, o puxador chama a torcida a cantar mais alto, porém, quando o jogo está mais calmo e o placar favorece ao Rio Branco, o puxador mantém um volume mais baixo nas canções, com o objetivo de poupar a voz de seus torcedores.

Na maioria dos jogos o puxador, que toca o surdo, era o próprio presidente da Torcida. Novamente, baseados em Toledo (1996), identificamos que o puxador deve sempre ter a sensibilidade de cantar ou xingar nos momentos certos de acordo com as circunstâncias apresentadas no jogo. Ele deve saber mexer e sensibilizar a torcida na hora certa. O seu desempenho depende em grande parte do próprio carisma e respeito diante de toda a torcida. Junto com essas músicas são puxados alguns gestos que dão movimento a torcida. Neste aspecto, concordamos com Toledo quando afirma que:

Pensar a corporalidade do torcer ou, de outro modo, pensar o jogo pela leitura gestual e teatral que cada torcedor faz numa ou sobre uma partida é se colocar no âmago daquilo que define a beleza plástica do futebol, o conjunto quase ilimitado de suas técnicas corporais que produzem o enredo do jogo. [...]é preciso enfatizar que a corporalidade também consiste num acesso importante, na leitura e na compreensão do jogo do ponto de vista torcedor (TOLEDO, 2010:180).

Os gestos feitos em cada música são influenciados por torcidas de fora do Estado. Esses gestos são padrões em todas as torcidas. Quando a música possui um ritmo mais falado, geralmente os braços são lançados de trás para frente por cima da cabeça; quando o ritmo é mais musical, os braços são lançados de um lado pro outro por cima da cabeça. Essas observações que fizemos nas arquibancadas aqui do Estado do Espírito Santo também são vistas em outros lugares (Praça e Silva, 2010). A maioria das músicas entre as frases possui um palmeado seguindo o ritmo do “surdo”. Mesmo com todas as influências das maiores torcidas, a “CAN” tem suas características próprias,

embora sua gestualidade mecanizada e repetitiva indica certo adestramento corporal.

Por fim, destacamos que a torcida “Comando Alvi-negro”, mesmo com as influências discutidas anteriormente, apresenta algumas particularidades em função do contexto em que atua (tanto em relação à cidade, quanto em relação ao porte do clube Rio Branco). Porém, mesmo com toda essa influencia, ao entrar na “CAN” esses torcedores se dizem fieis ao time e a torcida, não torcendo para clubes de fora do estado. A partir desse agrupamento as pessoas criam vínculos e essa se torna uma forma de sociabilidade juvenil na cidade de Vitória.

Referências:

Azevedo, A. A. de (org.) (2008) Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal. Brasília: Thesaurus.

Gomes Filho, O. (2002) Rio Branco Atlético Clube História e Conquistas. Vitória.

Luccas, A. N. (1998) “Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo o social.” Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC, São Paulo.

Menezes, I. T. (2011) “Entre a Fúria e a Loucos pelo Botafogo: apontamentos sobre modernização do futebol, socialização e individualidade”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo.

Praça, G. M. Silva, S. R. (2010) “As torcidas organizadas de belo horizonte e suas manifestações”

Reis, H. H. B. (2010) “O espetáculo futebolístico e o estatuto do torcedor.” Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 31, Campinas 111-130.

Silva, S. R. (2011) Estudos do Lazer: um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri.

Silva, S. R. et al. (2010) “As torcidas organizadas de Minas Gerais: relações, organização e manifestações.” *Licere*, v.13, Belo Horizonte, 1-24.

Teixeira. (2006) “Torcidas Jovens Cariocas: Símbolos e Ritualização.”, n. 2. *Esporte e Sociedade*.

Toledo, L. H. (1996) *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados.

Toledo, L. H. (2010) “Torcer: a metafísica do homem comum”, n.163, *Revista de História*, São Paulo, 175-189.